

NARRATIVAS E ENTREVISTAS EM PESQUISAS QUALITATIVAS: história oral como possibilidade teórico-metodológica

NARRATIVES AND INTERVIEWS IN QUALITATIVE RESEARCH: oral history as a theoretical-methodological possibility

Suzana Lopes Salgado Ribeiro¹ 

RESUMO

O presente artigo apresenta elementos centrais para a condução de uma pesquisa qualitativa que pretende registrar entrevistas de história oral. O texto indica caminhos a serem seguidos na elaboração de um projeto, no direcionamento de entrevistas, na constituição de análises e elaboração do texto final. Além de explicar procedimentos metodológicos, é objetivo trabalhar conceitos e fundamentos teóricos que orientam o fazer da pesquisa na área, de maneira a mostrar a complexidade e seriedade do exercício de entrevistar pessoas e valorizar suas histórias. O referencial teórico utilizado é explicitado, e são sistematizadas experiências de pesquisa desenvolvidas ao longo de duas décadas, baseadas nos estudos de Meihy. Desta forma, espera-se que este artigo evidencie posturas e conhecimentos que os pesquisadores da área devem constituir.

Palavras-chave: Narrativa, História Oral, Procedimentos, Metodologia.

ABSTRACT

This article presents central elements for conducting a qualitative research that intends to record oral history interviews. The text indicates paths to be followed in the preparation of a project, in the conduction of interviews and in the constitution of analyzes and preparation of the final text. In addition to explaining methodological procedures, the objective is to work on concepts and theoretical foundations that guide the conduct of research in the area, in order to show the complexity and seriousness of the exercise of interviewing people and valuing their stories. The theoretical references used is made explicit, and research experiences developed over two decades, based on Meihy's studies, are systematized. In this way, it is expected that this article will show attitudes and knowledge that researchers in the area must constitute.

Keywords: Narrative, Oral History, Procedures, Methodology.

¹ UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Autor Correspondente: Suzana Lopes Salgado Ribeiro
E-mail: suzana.ribeiro@falaescrita.com.br

Recebido em 16 de Fevereiro de 2021 | Aceito em 22 de Junho de 2021.

É uma satisfação poder escrever sobre o registro de narrativas e fazer entrevistas, apresentando princípios teórico-metodológicos da história oral - HO. Destaco em especial a pesquisa e a preocupação com o ensino, dois campos de estudo que me arrebataram ao longo da vida e deram sentido a uma trajetória de formação e de formadora. A história oral é paixão e caminho de pesquisa desde a graduação em História, na Universidade de São Paulo, de forma que tenho uma relação de quase 30 anos com o tema. O ensino e a educação são áreas que me fizeram chegar a história, encantada com o estudo, quis ser professora antes de saber de quê. Com educação, venho trabalhando desde que me formei, como professora da educação básica e na universidade como formadora de professores e como orientadora em programas de pós-graduação em educação e na área interdisciplinar. Assim, a educação e história oral se juntaram e deram sentido à minha vida profissional.

O presente artigo trata, portanto, do uso de entrevistas e do registro de narrativas – e do fazer da HO - em pesquisas qualitativas. Para tanto uso referências de um repertório de pesquisas que vem sendo feitas desde 1996 quando ganhei minha primeira bolsa da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, para o desenvolvimento de uma pesquisa de iniciação científica que utilizava a história oral como metodologia.

Dizer isso, é defender que a entrevista é importante, mas não é tudo. Em trabalhos anteriores (Meihy & Ribeiro, 2011 e Carvalho & Ribeiro, 2013) já foi destacado que o processo de pesquisa em HO deve seguir a elaboração do projeto, a captação das entrevistas – evidenciando critérios de escolha e número previsto de entrevistados -, o tratamento e guarda do material, assim como a devolução da narrativa para o entrevistado e resultados esperados (como escrita de dissertações, teses ou livros). Além de pensar sobre todos esses passos, é preciso entender que é “na entrevista que o pesquisador encontra o ‘outro’, sujeito dono de sua história retraçada com lógica própria e submetida às circunstâncias do tempo da entrevista” (Meihy & Ribeiro, 2011, p. 22).

Cabe, portanto, desde esse início de texto, pontuar que as entrevistas de HO são entrevistas em profundidade, feitas a partir de uma fundamentação

teórico-metodológica. E que fazem parte das estratégias utilizadas para a produção – e não “coleta” – de dados, por muitas pesquisas. Em especial, na área da educação se relaciona a valorização dos saberes docentes, e na área interdisciplinar dialoga com fundamentos da possibilidade de conhecimento novos a partir da junção de saberes oriundos de diversas disciplinas. Nesta direção, importa lembrar também que esta é a forma de produção de conhecimento que vem ganhando espaço nas pesquisas que trabalham com o universo do cotidiano, seja ele escolar ou da vida privada, valorizando a ação dos sujeitos.

Assim, este texto se fundamenta na relevância da valorização de sujeitos e do cotidiano de suas histórias no sentido de compreender que suas agências são motores da vida. Mas, mais que isso, apresenta a necessidade de se olhar e de se dispor a compreender essa realidade para a construção de um conhecimento humanizado, plural e democrático. Isso pois, a medida em que se registra histórias de pessoas comuns e suas visões de mundo, fazemos com que a ciência entre em contato com outras versões e possibilidades de explicação, que em humanidades são marcantes, para que se possa compreender movimentos mais amplos. Dizer isso não se trata de contestar que existem fatos, mas entender que há diferentes leituras sobre eles.

Outra justificativa para a escrita deste texto, menos teórica e ideológica e mais prática, é que muitos estudantes sejam de graduação ou pós-graduação buscam soluções metodológicas para o desenvolvimento de suas pesquisas. Na busca de como fazer, por vezes não encontram respostas sistematizadas, que os introduza de maneira objetiva ao fazer da ciência. Este texto, portanto, pretende apontar alguns caminhos para que tais estudantes possam desenvolver suas pesquisas com mais profundidade e competência.

Nesta busca dos estudantes e pesquisadores vemos se definirem dois caminhos antagônicos. Um primeiro, que realiza as entrevistas e as analisa de forma objetiva e superficial. O que regularmente acaba acontecendo, é que perdemos a dimensão da experiência e da riqueza subjetiva presente em tais narrativas. Outro movimento é de tentativa de uma análise psicológica e mais individualizada, que por vezes, pouco responde às questões propostas pela

ciência e pelo fazer da pesquisa, de forma que não liga o sujeito ao seu contexto histórico, cultural e político.

Cabe, portanto, pensar que o caminho talvez seja ter a clareza da conexão existente entre a árvore e a floresta – sujeitos e sociedade. Assim, o texto que hora apresento tem como objetivo falar da produção de conhecimento a partir do uso de entrevistas de história oral, ao mesmo tempo subjetivas e sociais, individuais e coletivas.

(In)Definições de História Oral

A partir do que foi dito, cabe perguntar como podemos definir história oral? Há várias respostas corretas para essa pergunta, dependendo da linha teórica que embasará sua pesquisa. Aqui, apresento a que vem norteando minhas pesquisas, representadas pelos trabalhos dos pesquisadores do NEHO em Rede, grupo que congrega pesquisadores de várias partes do país. O NEHO - Núcleo de Estudos em História Oral, foi fundado pelo professor José Carlos Sebe Meihy – na Universidade de São Paulo, na década de 1990 – e tem como referência livros como “Manual de História Oral” (obra que tem 5 edições a última datada de 2005), “História Oral: como pensar, como fazer” escrito em conjunto com Fabíola Holanda (2007) e o “Guia Prático de História Oral” sistematizado em parceria comigo (2011).

As pesquisas que pretendem entrevistar sujeitos e refletir sobre suas experiências podem se desenvolver por meio da metodologia de história oral, definida como um “conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (Meihy & Holanda, 2007, p. 15), “História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato” (Meihy & Holanda, 2007, p. 18), é também “processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e uso de entrevistas” (Meihy & Holanda, 2007, p. 19). Contudo, uma definição mais ampla e teórica pode ser encontrada em: história oral é “um trabalho de pesquisa atento

ao diálogo e à colaboração de sujeitos, que considera suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, para a produção do conhecimento. Neste trabalho acontecem intervenções e mediações e se dá a construção de narrativas. A partir do registro de tais narrativas e de sua transposição do oral para o escrito é possível sistematizar estudos referentes à experiência de pessoas, de grupos e de instituições” (Ribeiro & Oliveira, 2018, p.416). No contato com essas pessoas se desenvolve uma “relação entrevistador e entrevistado - em que cabe explicar o projeto e suas intenções, e abrir para contribuições, caso o entrevistado ache pertinente. Só então é que deve acontecer a gravação da entrevista” (Carvalho & Ribeiro, 2013, p.16), que podem acontecer em áudio, ou audiovisual e em um único ou mais encontros.

Uma das contribuições fundamentais que a História Oral trouxe para o atual debate sobre o uso de entrevistas como fonte remete ao sentido do documento e da análise procedida em cima dos textos estabelecidos a partir de depoimentos (Meihy & Ribeiro, 2011, p. 52).

Pesquisas dessa natureza, devem refletir sobre a subjetividade e a memória, para a “produção de conhecimento que leva em conta [...] a sutileza envolvida na produção narrativa” (Carvalho & Ribeiro, 2013, p.19). A abordagem será de caráter qualitativa, à medida que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Silva & Menezes, 2005, p.20). Boa parte das pesquisas de história oral se debruçam sobre o cotidiano e podem ser caracterizadas como aplicadas, pois objetivam “gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de um problema específico, além de envolver verdades e interesses locais” (Silva & Menezes, 2005, p. 20). Neste sentido, não podemos perder de vista que não cabe generalizar resultados do estudo realizado. Para além disso, segundo Brisola e Marcondes, é possível caracterizar pesquisas de história oral como descritivas, quando o interesse tem centro “na observação, registro e análises” (2014, p. 203). Neste caso, o trabalho com os dados coletados nos questionários, nas narrativas e em seguida com as transcrições, são elementos que reforçam essa classificação.

Cabe lembrar que nesses estudos consideramos

o “entrevistado, não apenas como depoente, mas sim como colaborador, agente ativo de sua história” (Ribeiro, 2002, p.18), e por isso, devemos estar preparados para trabalhar com relações estabelecidas entre sujeitos. Ao chamar os entrevistados de “colaboradores”, entendemos que o trabalho será feito de forma colaborativa, onde os que vivenciaram as histórias, as compartilham, e como pesquisadores, registramos e formatamos esse material com as habilidades que nos são próprias, de forma negociada e responsável. Até porque, conforme Bueno (2002), quem conta a sua vida, não conta a um gravador, mas a outro sujeito. Além do mais, a narrativa não pode ser lida como um relatório de acontecimentos, deve ser compreendida como uma totalidade de experiência de vida que ali se comunica. Ferrarotti destaca que “toda entrevista é uma interação social completa, um sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções” (1991, p. 176). Ou seja, o pesquisador deve estar ciente de seu papel de mediação ao longo da produção dos dados para sua pesquisa. Dizer isso significa que o pesquisador deve conduzir os encontros de forma dialógica entre quem fala e quem ouve, reforçando relações de confiabilidade.

Entrevistas como instrumento de pesquisa

Em um estudo que escolhe a metodologia da história oral, costumeiramente, as entrevistas são a principal fonte de informação do pesquisador. Contudo, não é raro que utilizem outros instrumentos para coleta/produção de dados como por exemplo observação e questionários. Cada instrumento deve ser definido e detalhado nos textos produzidos pelo pesquisador. Aqui, daremos destaque às entrevistas.

As entrevistas podem ser feitas a partir de um roteiro norteador ou questões abertas, já que segundo Meihy e Ribeiro (2011) ofereceram ao participante, maior poder de escolha durante a sua narrativa. O registro de áudio digital é o mais usado e as entrevistas que serão realizadas podem ser de dois tipos mais comuns: história oral de vida ou história oral temática.

A entrevista de história oral de vida, “tem feições mais biográficas e obedece sempre à sequência dos acontecimentos da vida” (Meihy & Ribeiro, 2011, p.

97). Isto porque desde os escritos de Benjamin sabemos que o narrador, por “recorrer ao acervo de toda uma vida” - que inclui também a experiência alheia – conta toda sua vivência e “sua dignidade é contá-la inteira” (Benjamin, 1985, p. 221). Reflexões semelhantes podem ser encontradas em teóricos da educação, como Nóvoa (1991) quando destaca a importância de entender que vida e profissionalidade como dois aspectos da formação identitária de diferentes profissionais, de forma a não partir a compreensão entre vida e obra.

Desta maneira, entendemos que a história oral de vida, por se caracterizar como biográfica, subjetiva e reveladora de diferenças, compunha melhor com uma pesquisa que pretende compreender como atuação profissional se envolve na composição de identidades para cada sujeito entrevistado respondendo metodologicamente a questões teóricas apontadas (Hall, 1999, 2006; Guattari, 2000, 2012; Nóvoa, 1995). (Ribeiro & Oliveira, 2018, p.417).

Por outro lado, registros de entrevistas de história oral temática respondem a questões mais pontuais e objetivas. Este gênero de entrevista pode ser utilizado em:

projetos de pesquisa que querem esclarecer temas por meio dos relatos de pessoas. É o gênero mais comum de pesquisas em história oral. Pode também ser utilizada como técnica auxiliar para organização de acervos. [...] No desenvolvimento de pesquisas temáticas há um enfoque menor na vida do entrevistado e maior no tema sobre o qual ele pode elucidar algo. Para tanto, geralmente existe um questionário para a condução do encontro. (Carvalho & Ribeiro, 2013, p.21).

Na condução de entrevistas de história oral de vida ou temática, é importante garantir que o colaborador disserte, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal e coletiva e encadeie sua narrativa segundo sua vontade e suas condições. Em ambas os pesquisadores devem saber que é necessário, no momento do encontro com o entrevistado respeitar suas especificidades sociais, históricas e culturais. Nesta direção é importante ponderar sobre os imaginários, os limites, as identidades e as diferenças que caracterizam o grupo social do qual o colaborador faz parte, e para tanto é preciso nos preparar e nos dedicar ao exercício de ouvir (Ribeiro, 2008, p.104). A entrevista de história oral é, portanto, “lugar de escuta”

no qual se ouve atentamente. A entrevista é diálogo em que se preserva o protagonismo do narrador, pois é encontro com a diferença, com o “outro”. As entrevistas devem respeitar o fluxo narrativo e não conduzir ou interromper a fala do colaborador.

A medida em que diferenciamos o registro de qualquer entrevista do fazer de história oral, cabe também parar para pensar que o registro de entrevistas é fonte rica de informações e representações de mundo. Contudo, tem limites. O registro de entrevistas e a constituição de narrativas não resolvem todos os problemas, essa forma de produção do conhecimento que tem prós e contras que devem ser levados em conta desde o estabelecimento dos objetivos em consonância com a metodologia do projeto a ser desenvolvido.

No caso de pesquisas na área de educação, os objetos devem ser a escola, a docência, a formação docente, as práticas pedagógicas e neste conjunto de referências a história oral tem muito a contribuir. Mas é preciso ter segurança de possibilidades e limites do fazer de entrevistas, pois nem todas as pesquisas estão interessadas em diferenças, visões e identidades, ou dispostas a lidar com as subjetividades volatilidades da memória. Para essas o uso da História oral não é indicado.

A história oral permite o contato com formas próprias de registro e leitura da realidade descrita nas narrativas e isso muitas vezes é inovador. Assim, associada às pesquisas em educação ou em ciências humanas pode construir narrativas sobre as experiências de profissionais compreendendo os seus fazeres e saberes e valorizando-os.

Trabalho com narrativas em história oral

O projeto é dimensão fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa em história oral. Este planejamento articulado inicial deve estabelecer como será feita a produção documental. Digo produção documental, emprestando denominação de minha área de formação a história, onde o fazer do historiador é a leitura, interpretação e análise dos documentos históricos. Por esse caminho, denomino a narrativa resultante do processo de trabalho com HO, como documento. Um documento que resultou

de negociações entre um pesquisador/mediador e um entrevistado/colaborador.

Sim, negociações, pois mesmo praticando a escuta atenta, o pesquisador, deve ter noção da importância de sua condução, sem que a torne impositiva e cerceadora. Sabemos que o pesquisador/mediador está presente em toda a pesquisa e que é por seu interesse que ela acontece – organizando o projeto, marcando e conduzindo e transcrevendo entrevistas e interpretando e escrevendo um trabalho. “Desse maneira, quando a memória é narrada e os sons gravados são convertidos em escrita, estabelece-se o documento para a história oral, um documento/narrativa produzido a partir de procedimentos específicos” (Ribeiro, 2002, pp. 26-40 & Ribeiro, 2007, p.39).

No texto de um trabalho de história oral será importante pontuar como foi feita a transformação da entrevista em documento narrativo – desde o projeto até o trabalho final. Assim cabe pensar na escolha dos perfis dos entrevistados, ou seja, do grupo que será estudado. Serão, por exemplo, professores? Alunos? Ambos?

Essas pessoas serão selecionadas a partir dos critérios de *comunidade de destino, colônia e rede*. Meihy, desde de um de seus primeiros trabalhos em História Oral, intitulado “A Colônia Brazilianista” (1991) utiliza o termo “comunidade destino” para representar todos aqueles que de alguma forma se sentem ligados ao tema estudado em questão. No caso de uma pesquisa relacionada à educação ou ao ensino de história podem ser docentes de história, atuantes na educação básica. Por sua vez – ainda segundo Meihy e outros autores que seguem sua linha de pesquisa (Holanda, 2011, Carvalho & Ribeiro, 2013) – a comunidade de destino se subdivide em colônias. A colônia é o grupo do qual poderão emergir os entrevistados ou as redes de entrevistados.

Entendemos por *comunidade de destino* o acervo de experiências, que motivaram as razões do envolvimento e pertencimento ao grupo, podendo ser compreendida como todos os que de alguma forma se sentem conectados às preocupações com uma educação ampla e democrática, que enfrente a questão do preconceito étnico de frente. Em uma pesquisa sobre o cotidiano escolar, é parte desse grupo: funcionários, parceiros, educadores, ativistas de mo-

vimentos sociais, estudantes que mantêm laços de afinidade e se encontram ligados a essa questão. A *colônia*, por sua vez, é recorte da comunidade de destino, de forma que é o grupo de onde selecionamos os entrevistados. A(s) *rede(s)* de entrevistados, grupo de pessoas formado por indicação dos colaboradores, é(são) estabelecida(s) no decorrer do trabalho. No entanto, vemos a possibilidade de se definirem redes a partir das condições de integração.

As redes se estabelecem no decorrer do trabalho de acordo com a aceitação e adesão das pessoas indicadas. No presente trabalho, foi possível definir duas redes que se entrecruzaram. Cada uma delas auxiliou na especificação do tema, agregando argumentos e ampliando justificativas da importância da educação integral. (Ribeiro & Oliveira, 2018, p.414).

Outro aspecto é que o projeto deve definir procedimentos sobre o tratamento do texto – oral. Ele será transcrito? Editado? Transcrito? Ou seja, se passará para dimensão escrita e quais alterações e etapas de trabalho serão assumidas. Efetivamente, com isto também deve-se pensar quais os produtos que serão gerados a partir do projeto de pesquisa, pois diferentes formas de registro documental permitem distintos produtos da pesquisa. Caso as entrevistas sejam gravadas em áudio, o mais comum é que sejam transcritas, textualizadas e/ou transcritas e conferidas gerando trabalhos escritos, sejam livros, dissertações e teses blogs ou publicações de entrevistas.

No caso de entrevistas registradas em audiovisual é comum que pesquisadores produzam peças audiovisuais editados como forma de produto da pesquisa. Esses produtos podem ser documentários ou entrevistas editadas que podem compor acervos de arquivos ou de exposições no caso de museus por exemplo. Tanto em um caso como o outro – uma narrativa escrita ou uma audiovisual – é preciso pensar as diferenças de códigos existentes entre o ato oral de narrar e o resultado final entendemos que para a produção de qualquer um desses modelos de produto final. É relevante que o pesquisador reflita sobre questões da tradução entre códigos do oral para o escrito, do informal para formal, da conversa para o documento/narrativa.

Cabe também lembrar que existem relações que se estabelecem entre entrevistador e entrevistado que permitem maior interação maior ou menor interação entre ambos. Essa aproximação e acessibilidade pode ajudar no processo de transformação do texto, checagem de informações, conferência e devolução. Ou seja, na transformação da relação efetivamente em uma colaboração.

Assim, entendendo que o projeto – e não a entrevista – é condição para iniciarmos um trabalho de história oral, seguem sistematizadas algumas questões que podem auxiliar para o registro das entrevistas:

1 - Realização de uma pré-entrevista, momento no qual o pesquisador apresenta, em linhas gerais, o projeto para cada um dos colaboradores. Feito muitas vezes por telefone, é quando elucidamos os procedimentos, a necessidade de utilização de equipamentos eletrônicos para o registro da entrevista e agendamos local, data e horário para a gravação.

2 - A entrevista, propriamente dita, tem que ser por questões éticas e teóricas realizada com o consentimento do colaborador, e no caso deste projeto. O entrevistador deve reservar tempo para este registro, pois nunca sabemos quanto o entrevistado tem a falar. O pesquisador deve também checar o funcionamento dos equipamentos (bateria, memória, etc.) tentando evitar qualquer problema. Importante também buscar locais em que não se tenha sons, além dos que devem ser registrados ou trânsito de pessoas, no caso de gravações em vídeo, busque locais iluminados. Vale uma dica, nunca desligue o gravador antes de perguntar se há algo mais a ser dito, ou que o narrador queira falar.

3 - Depois da entrevista gravada, cabe deixar contatos com o colaborador e fazer agradecimentos. Considerável também ter disponibilidade para manter o entrevistado informado sobre os passos da pesquisa e responder suas questões sempre que chamado a isso.

Com o registro da narrativa em mãos iniciamos um segundo processo de trabalho.

1 - A transcrição compreende a passagem literal do que foi narrado oralmente para a escrita, incluindo as repetições, vícios de linguagem, expressões regionais e marcadores conversacionais que caracterizam a fala. “Comumente, transcrição é o nome dado ao ato de ‘traduzir’ o conteúdo gravado [...] em um texto escrito” (Carvalho & Ribeiro, 2013, p.47). Neste momento, o pesquisador poderá se deparar com dúvidas sobre a grafia de nomes, ou sobre a compreensão de palavras ou trechos que ficaram pouco audíveis no registro. Além dessas passagens que devem ser conferidas com o narrador, há com frequência erros de concordância e repetições de palavras e expressões que na oralidade são quase imperceptíveis, mas que na escrita acabam por se destacar.

2 - Por isso, defendemos, nesta linha de HO, que a transcrição seja textualizada, ou seja, que se retirem as repetições exaustivas e erros que enfraquecem a narrativa. Essa operação tem como objetivo garantir ao texto leitura agradável e fluida, inserindo perguntas e respostas em uma narrativa direta e reduzindo o excesso de marcadores conversacionais. Lembrando que nosso objetivo neste tipo de trabalho é dar destaque e valorizar os sujeitos quem nos contam histórias.

3 - Pensando neste sentido, é que defendemos também uma última etapa de trabalho com o texto, chamada de transcrição, conceito inspirado no trabalho de literatos, tradutores de poesia que pensaram no ato de traduzir, também como um ato de criação. Assim, pesquisadores de HO podem assumir seu papel de mediadores e colaboradores na produção da narrativa textual e completar informações que foram dadas, mas que não foram registradas no áudio/vídeo. Palavras como “aqui” ou “desse tamanho” ou “esta cor” se forem apenas transcritas não conterão toda a informação, pois caberá ao leitor perguntar “aqui onde?”, “qual o tamanho e cor?”. Assim o pesquisador, que terá essas informações poderá expressá-las no texto, de maneira a produzir uma narrativa mais completa.

O pesquisador terá, por sua vez, a liberdade de procurar as melhores condições para transpor o discurso do código oral para o escrito. Nessa transposição, importa mais se manter fiel ao sentido do que foi dito, à mensagem que se quis comunicar. Evidentemente, para que não haja erros, o trabalho deve ser conferido junto ao entrevistado. A validação deste processo é feita por uma leitura por parte do narrador do texto final e devida autorização do material produzido. Esse é processo que chamamos de conferência. O pesquisador apresenta o texto editado ao colaborador, a fim de obter a autorização oficial para seu uso, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nessa etapa, o colaborador tem total liberdade de sugerir inclusões, exclusões e/ou modificações na entrevista, pois a partir dela chegaremos à versão final do texto.

Com essa nova perspectiva de produção de conhecimento o papel do pesquisador é alterado. É revisto seu posicionamento frente à criação e análise de “seus” documentos. A própria criação dos documentos é em si um ato de interpretação, resultante de um encontro com o(s) entrevistado(s). As narrativas são resultados de uma conversação, uma criação conjunta, desde o momento de sua gravação. (Ribeiro, 2007, p. 37)

Assim, entendemos que:

Os documentos que se apresentam em um trabalho de história oral devem ser “lidos” como discursos que compõem e organizam o mundo, transformam e fazem parte do real, feitos por alguém em um determinado tempo e espaço com intenções específicas que justificam escolhas. (Ribeiro, 2007, p. 38)

Concluída essa etapa de construção do corpus documental, estabelecemos uma fase, analítica, de reflexões teóricas sobre o material construído e de possível diálogo com outras fontes, pois mesmo o núcleo documental da pesquisa sendo composto por entrevistas de história oral, pode haver outros instrumentos e dados. Contudo, gostaria de marcar que em um projeto de história oral, a documentação derivada da oralidade é privilegiada e central, e não será objetivo do trabalho contrapor o discurso dos entrevistados aos documentos escritos, com o propósito de encontrar “a verdade”. O que importará será verificar fatos e representações, compreendendo que experiências de ordem objetiva e subjetiva podem ser expressas simultaneamente, por meio das narrativas.

Caminhos para a análise das narrativas

Gostaria de pontuar que alguns pesquisadores (como Caldas, 1999) defendem que o próprio processo transcriativo, já se concretiza como uma primeira dimensão de interpretação. Contudo, no que tange à análise de dados, em trabalhos de história oral é comum que seja feita no modelo de análise documental, considerando o texto finalizado como documento/narrativa.

Assim, é preciso, para analisar o material produzido, refletir sobre suas condições de produção, descrevendo como se deu o encontro com cada entrevistado, onde aconteceu, quanto tempo durou. Além disso, existe um desafio sério:

Resta saber [...] se o entrevistador irá sobrepor suas intenções ao relato do entrevistado. Ou seja, ele será mesmo aberto a conhecer e a deixar que seja registrado, na gravação, o ponto de vista do entrevistado? Se a narrativa deste não coincidir com a sua hipótese, estará disposto a ouvi-lo? (Alberti, 2005, p. 184)

E completo: estará disposto a aprender com o que foi dito? Nossa perspectiva é que sim, o pesquisador deve estar aberto a isso. Mas nesse sentido, cabe também deixar evidente as intenções que o motivaram ao trabalho de pesquisa. Isso, pois se compreendemos que o trabalho de pesquisa em HO é intersubjetivo, é relevante que compreendamos entrevistados e entrevistadores e seu grau de colaboração. Assim, os leitores poderão ponderar sobre os resultados alcançados.

Outro aspecto significativo, é que muitos trabalhos que analisam entrevistas vão recortando partes de falas e fazendo inferências logo na sequência. Isso pode até ocorrer, mas não podemos perder de vista o todo, o sentido geral da fala do entrevistado. Caso contrário, podemos pegar uma ironia, e interpretá-la como posicionamento do narrador. Defendemos, aqui, a possibilidade de se colocar na versão final dos trabalhos as narrativas completas para que o leitor tenha possibilidade de ler toda a elaboração do entrevistado. Essa recomendação se reforça, pois não se pode pegar a parte pelo todo, o pesquisador (e o leitor) precisa conhecer a fala toda de seu entrevistado e compreender como ele tece os significados e

as relações entre o passado e o presente. Neste sentido, é bastante importante conhecer e apontar os argumentos centrais, mas também as contradições presentes na narrativa. Isso pois, segundo Ricoeur:

A identidade narrativa não é uma identidade estável e sem falhas; assim como é possível compor várias intrigas acerca dos mesmos incidentes (os quais, com isso, já não merecem ser chamados de os mesmos acontecimentos), assim também sempre é possível tramar sobre sua própria vida intrigas diferentes ou até opostas. (Ricoeur, 1997, p. 428)

O que se aponta, portanto, é uma possibilidade de uma análise hermenêutica, nas bases apresentadas por Geerts, para a interpretação das culturas. Na qual se constitui conhecimento:

... não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (Geertz, 1989, p.04)

Reforçamos nesta perspectiva de interpretação em que partes e todo devem ser lidos conjuntamente e de forma dialética. Isso pois, é de grande interesse compreender o fenômeno cultural e histórico, analisando como as partes - construções específicas de símbolos – dialoga com o todo - estrutura contextual que constrói significantes. Ou seja, a parte – texto – produz e é produzida pelo todo – contexto.

Dizer isso é compreender que cada palavra enunciada deve ser considerada – é uma parte, mas que o narrador “falou” também ao escolher o local da entrevista, ao pertencer a uma determinada geração, classe social, raça/etnicidade ou gênero. A escolha de palavras conta sobre suas perspectivas e mostra em quais questões mais amplas se inserem ou não suas experiências. Dito isso, é interessante atentar para o que é coletivo e o que é individual.

Isso é fundamental, especialmente, quando nas análises se buscam padrões. Lembrando que não é possível generalizar as interpretações em HO, pois são registros das subjetividades, mas que é possível perceber o quanto dessa subjetividade estabelece

relações com questões mais coletivas, verificando experiências parecidas, trajetórias comuns, expressões semelhantes. Tais questões indicam possibilidades de agrupamentos analíticos, sejam na escolha de palavras-chave, na elaboração de eixos temáticos analíticos, ou na formulação de categorias de análise. O que destacamos é que tais estruturas sejam feitas no momento da leitura e interpretação das entrevistas e não que se leia as entrevistas a partir de chaves previamente estabelecidas.

É comum que alguns dados possam ser cruzados para uma análise mais profunda, de forma a utilizar a triangulação, nesse tipo de análise de dados compreendemos que:

Do material coletado e na articulação de três aspectos para proceder à análise de fato, sendo que o primeiro aspecto se refere às informações concretas levantadas com a pesquisa, quais sejam os dados empíricos, as narrativas dos entrevistados; o segundo aspecto compreende o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e o terceiro aspecto se refere à análise de conjuntura, entendendo conjuntura como o contexto mais amplo e mais abstrato da realidade (Marcondes & Brisola, 2014, p. 214)

Nesse sentido, a técnica apresenta momentos distintos que se articulam dialeticamente, favorecendo uma percepção de totalidade acerca do objeto de estudo, pois na triangulação de dados são previstas três etapas, sendo: a primeira referente as informações concretas das entrevistas; a segunda a interseção da parte conceitual, composta pelas falas dos autores e fundamentar os conceitos e estruturas que foram tecidas nas entrevistas; e a terceira, se refere à análise da conjuntura, entendendo que o contexto no qual o sujeito se insere de maneira mais ampla e mais abstrata da realidade (Brisola & Marcondes, 2014).

Dito isso, destacamos que a análise em HO deve ser polifônica. Ou seja, deve estar aberta a ouvir o que as narrativas disseram, valorizando seus sujeitos, deve deixar evidente os posicionamentos do pesquisador e as informações de seu caderno de campo, deve registrar tais perspectivas no texto analítico produzido, destacando os lugares e falas dos envolvidos no processo de produção documental e nos processos de diálogo dos quais resultaram a análise.

Passos futuros

Neste artigo, mesmo que de forma breve, tentei pontuar elementos que, ao meu ver, são essenciais para a elaboração de um projeto, condução de entrevistas e constituição de análises em História Oral. Além disso, espero ter mostrado a beleza de trabalharmos com narrativas e as possibilidades de construção de conhecimento a partir delas. Mas também espero ter evidenciado que trabalhar com entrevistas em história oral não é algo banal, e que trabalhos em HO exigem mais que boa vontade ou o domínio de equipamentos para o registro da voz humana.

O trabalho com história oral requer do pesquisador uma postura ética e também o domínio de procedimentos metodológicos e referenciais teóricos. Tal trabalho, prevê também a elaboração de um trabalho reflexivo, crítico, plural e complexo, cuja análise não é ação mecânica – que recorta e cola partes, mas é exercício de compreensão e montagem de interpretações e diálogos que constroem caminhos para compreensão de relações, de perspectivas e de movimentos sociais, culturais e históricos mais amplos.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. Histórias dentro da História (2005). In: PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto.
- Caldas, A. L. *Oralidade, texto e História: para ler a História Oral* (1999). São Paulo: Loyola.
- Carvalho, M. L. M. de & Ribeiro, S. L. S. *História Oral na Educação: memórias e identidades* (2013). São Paulo: Centro Paula Souza.
- Geertz, C. *A interpretação das culturas* (1989). LTC: Rio de Janeiro.
- Marcondes, N. A. V. & Brisola, E. M. A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas (2014). *Revista Univap*.
- Meihy, J. C. S. B. *Manual de História Oral* (2005). 3. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Meihy, J. C. S. B. & Ribeiro, S. L. S. *Guia Prático de História Oral para empresas, universidades, comunidades, famílias* (2011). São Paulo: Contexto.
- Nóvoa, A. *Os professores e a sua formação* (1992). Lisboa: Dom Quixote.

Ricoeur, P. *Tempo e narrativa* (tomo III) (1997). São Paulo: Papirus.

Ribeiro, S. L. S. & De Oliveira, P. R. Narrativas em rede: argumentos coletivos e histórias de vida na educação (2018). *RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, v. 4, p. 412-430. <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9702>

Ribeiro, S. L. S. História Oral na escola: instrumento para o ensino de história (2008). *Oralidades* (USP), n. 4-Jun-Dez/2008, p.99 - 109. <http://cursos.ufabc.edu.br/digitalplural/rede-neho/revista-oralidades/>

Ribeiro, S. L. S. Visões e perspectivas: documento em história oral (2007). *Oralidades*, São Paulo, no 2 – jun/dez, 2007, p. 35-45. em: <http://cursos.ufabc.edu.br/digitalplural/rede-neho/revista-oralidades/>

Ribeiro, S. L. S. *Processos de mudança do MST: histórias de uma família cooperada*. 230f. (Dissertação de Mestrado em História Social) (2002). São Paulo, Universidade de São Paulo.

Shulman, L. S. *Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma* (2014). Cadernos CENPEC. São Paulo. v.4, n.2, dez.,2014, p. 196-229.

Silva, E. L. da & Menezes, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação* (2005). 4. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Tardif, M. *Saberes docentes e formação profissional* (2014). 17ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Vianna, H. M. *Pesquisa em Educação: a observação* (2007). Brasília: Plano Editora.